

A AUTOESTIMA DO PROFESSOR E SUA INFLUÊNCIA NO DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL DOS EDUCANDOS

TEACHER SELF-ESTEEM AND ITS INFLUENCE ON STUDENTS' EMOTIONAL DEVELOPMENT

Vera Lúcia Furquim da Silva Magaldi¹

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo abordar o tema da autoestima do professor por meio da cosmovisão cristã, e mais especificamente por meio da Abordagem Educacional por Princípios. Este trabalho foi desenvolvido com pesquisa de abordagem bibliográfica de cunho qualitativo com o intuito de realizar registros acerca do que a literatura da área nos acrescenta a respeito do assunto abordado. A Abordagem Educacional por Princípios é uma maneira de ensinar e aprender que coloca a Bíblia como nosso texto central ao estudar os conteúdos acadêmicos. Os princípios encontrados na Palavra de Deus são a chave para levar professor e aluno a pensar e agir biblicamente. Que o professor reconheça a necessidade de autoestima elevada e assim marque a vida dos educandos de forma positiva. Utiliza-se como metodologia a pesquisa bibliográfica, considerando um resgate literário sobre o tema da autoestima do professor que é o objetivo central deste trabalho. A importância do professor na formação e no desenvolvimento do ser humano, desde a educação infantil até a universitária, é sem dúvida um dos principais pilares para que o ser humano possa entender o mundo dentro de uma cosmovisão cristã e compreender o propósito de Deus para a sua vida aqui e na eternidade. O objetivo geral deste trabalho é levar os professores a uma reflexão sobre sua autoestima e como esta pode interferir no seu processo de ensino-aprendizagem, a formação do caráter do aluno e as consequências futuras no seu desenvolvimento.

Palavras-Chave: identidade; caráter; vocação.

ABSTRACT

The present work aims to address the theme of teacher self-esteem through a Christian worldview, more specifically through the Principle Approach to Education. This study was developed through bibliographic research of a qualitative nature, with the aim of recording what the literature in the field contributes regarding the topic addressed. The Principle Approach to Education is a way of teaching and learning that places the Bible as our central text when studying academic content. The principles found in the Word of God are the key to leading both teachers and students to think and act biblically. Teachers must recognize the importance of cultivating a healthy self-esteem so that they can positively impact the lives of their students. The methodology used is bibliographic research, considering a literary review on the theme of teacher self-esteem, which constitutes the central objective of this work. The importance of the teacher in the formation and development of the human being — from early childhood education to higher education — is undoubtedly one of the main pillars for enabling individuals to understand the world within a Christian worldview and to comprehend God's purpose for

¹ Diretora do Centro Educacional Vera Magaldi. Integrante do corpo técnico da AECEP. E-mail: veramagaldi@gmail.com

their lives both here and in eternity. The general objective of this work is to lead teachers to reflect on their self-esteem and how it can influence their teaching and learning process, the character formation of students, and the future consequences for their development.

Keywords: identity; character; vocation.

INTRODUÇÃO

Segundo Voli (1997), o tema da autoestima do professor passou a ser considerado por vários autores ao longo das últimas décadas. Em 1984, no estado da Califórnia, Estados Unidos, uma comissão de especialistas foi formada para estudar a autoestima. Num primeiro momento, a comissão destacou que a autoestima pode ser aprendida, uma vez que depende da situação psíquica do indivíduo e de como esta pode se modificar. Assim, a autoestima depende de como o indivíduo sente o que os outros percebem, aceitam e desejam. Tudo depende também da maneira como o desenvolvimento emocional ocorreu desde a infância: segurança, senso de pertencimento, motivação e competência.

Por outro lado, Basso (1998) comenta ser necessário investigar como o professor reconhece o que o motiva, o que o incita a realizar seu trabalho, ou qual é o sentido da atividade docente para ele. O autor ressalta que a sociedade e a instituição escolar exercem pressão e certo controle sobre a autonomia docente, com efeitos restritivos na subjetividade e na promoção dessa atividade.

Pretende-se abordar o tema da autoestima com uma cosmovisão cristã, especialmente utilizando a metodologia da Abordagem Educacional por Princípios (AEP). A AEP é uma maneira de ensinar e aprender que coloca a Bíblia como centro dos conteúdos acadêmicos. Os princípios encontrados na Palavra de Deus são os norteadores de todo o trabalho pedagógico.

A formação acadêmica do professor não contempla o seu desenvolvimento emocional. Esse fato abre precedente para que profissionais com fraturas emocionais graves causem impacto negativo na vida dos estudantes, deixando marcas profundas, seja por palavras negativas, exposição do estudante, ou falta de paciência com suas necessidades educativas, emocionais, intelectuais ou físicas. Este estudo espera auxiliar o professor a reconhecer a necessidade de elevar sua autoestima, a fim de que marque a vida dos educandos de forma positiva. A Abordagem Educacional por Princípios visa o desenvolvimento holístico do ser humano. Portanto, é fundamental

que os professores contribuam positivamente para a formação do caráter dos estudantes, servindo como exemplo de autoestima e desenvolvimento emocional satisfatório, apresentando maturidade emocional.

Segundo Santos (2010), desenvolver uma consciência saudável a respeito de si mesmo é de grande importância para a própria vida e para a vida dos semelhantes, pois a autoestima positiva torna a pessoa perspicaz, zelosa, benevolente, apta, generosa, saudável e valiosa perante a sociedade. Aconteça o que acontecer na vida, o indivíduo é capaz de libertar-se das experiências desastrosas do passado e poderá desenvolver uma autoestima positiva, se profundamente desejar. Alguns sinais de influência negativa, geralmente causados por sintomas e comportamentos, refletem uma autoestima baixa.

Autores como Jehle, Borges, Ferreira, Voli e Antunes elucidam a importância de uma atuação docente emocionalmente saudável para o sucesso no ensino-aprendizagem. De acordo com Horton (2002), o educador cristão deve ter prazer em seu trabalho, vivendo cada dia como uma forma de adoração ao Senhor, sem permitir que o trabalho se torne um fardo à espera da aposentadoria. A dinâmica do mundo moderno tem levado as crianças a ingressarem cada vez mais cedo na escola, aumentando a responsabilidade dos educadores na formação de hábitos, no cuidado e na educação integral dos estudantes.

Entre todos os profissionais da escola, o professor é o que mais influencia seus educandos. Ao ensinar os conteúdos acadêmicos, ele também transmite sua cosmovisão de mundo, evidenciando que nenhuma forma de educação é neutra.

Conforme Webster (1828), princípios são fontes ou origens, causas primeiras das quais algo procede, sendo também bases e fundamentos que sustentam ações, raciocínios e comportamentos. Dessa forma, os princípios constituem a base para a formação de uma cosmovisão cristã. A AEP define sete princípios de governo, entre os quais destaca-se o Princípio da Individualidade, que permite ao professor e ao aluno reconhecerem sua identidade em Cristo, compreendendo-se como únicos e especiais diante de Deus.

Por meio do Princípio da Individualidade, o professor pode avaliar-se como um profissional vocacionado por Deus para a área da Educação, exercendo seus diversos papéis educacionais. Além disso, sua identidade profissional é construída em um processo contínuo de autoavaliação sob a ótica da Palavra de Deus: “E viu Deus tudo quanto tinha feito, e eis que era muito bom” (Gn 1.31a).

Este trabalho visa, portanto, auxiliar o professor a identificar as causas que colaboram para a construção de sua autoestima, permitindo-lhe exercer a docência com prazer, criatividade e eficácia no processo de ensino-aprendizagem. O objetivo é levar o professor a refletir sobre si mesmo, promovendo a renovação de sua mente (Rm 12.2) e fortalecendo sua identidade em Cristo, sabendo que a verdadeira autoestima provém da estima que Deus tem por seus filhos: “Fostes comprados por preço” (1 Co 7.23a).

Valorizar-se como ser único, criado à imagem e semelhança de Deus, permitirá ao educador desejar refletir o caráter de Cristo, tornando a sala de aula um ambiente de aprendizagem acadêmica eficaz e de formação integral — emocional, cognitiva e espiritual — de futuros líderes que vivam o Reino de Deus aqui na terra.

METODOLOGIA

O presente trabalho foi desenvolvido com pesquisa de abordagem bibliográfica de cunho qualitativo com o intuito de realizar registros acerca do que a literatura da área nos acrescenta a respeito do assunto abordado nesses escritos. A experiência profissional como professora, diretora e supervisora de ensino, ao longo de mais de 40 anos, possibilitou a observação do trabalho do professor e as relações interpessoais com alunos, pais e comunidade escolar. Quais marcas o professor está deixando especificamente em seus alunos a partir da sua autoestima?

A pesquisa bibliográfica foi enriquecida com a obra de Franco Voli, cujo tema do livro é “A autoestima do professor” (1997). Sua pesquisa levantou temas importantes como a tarefa do professor, autoestima elevada, componentes da autoestima e as causas da autoestima baixa.

Black (2004), no livro “Fundamentos da Psicologia da Educação”, nos apresenta um retrato do professor cristão como líder espiritual, como modelo bíblico, imitador de Cristo, mentor e líder acadêmico. Somente um professor com autoestima elevada e que sabe reconhecer a estima que Cristo tem dele, é capaz de alcançar sucesso em seu trabalho, tendo ânimo nas diversas tarefas que precisa desempenhar deixando de lado todo tipo de murmuração e desânimo. Sabemos que a formação básica do professor, em sua grande maioria, se deu em um contexto humanista, deixando de lado princípios e valores cristãos. Daí a necessidade da renovação de mente, onde nossa cosmovisão de mundo passa a ser a cristã, embasada na Palavra

de Deus, assim ficará muito mais fácil mudar comportamentos, ideias e assimilar o caráter de Cristo em sala de aula.

A autora Inez Borges (2002), afirma que na educação cristã, a vida do professor é a maior fonte de influência para a formação da personalidade do educando. Este tem a missão de ensinar a guardar todas as coisas que o Senhor Jesus ordenou. Isto nos mostra quão importante é o papel do professor. Se ele não se reconhece como alguém estimado por Cristo, não terá autoridade para ser exemplo de caráter cristão, para pastorear o coração de cada criança sob sua responsabilidade. E quais marcas deixará em seus alunos? Estamos falando da autoestima do aluno, sua formação de caráter e personalidade. Inez afirma também que toda e qualquer atividade educativa, por tratar-se de um processo eminentemente social, desempenha um papel relevante na formação da pessoa.

Moura e Castro (1999 *apud* SANTOS, 2010, p.87), ao dissertar sobre o tema “o professor de nossos filhos”, afirma que ao professor cabe a tarefa de manter a disciplina sem deixar que os alunos percam a curiosidade pelo conhecimento. Ele só terá êxito em seu trabalho se tiver um conceito positivo de si mesmo e de seu trabalho. Deve fazer o que gosta e gostar do que faz e sentir-se realizado pelo fato de ser professor. O professor deve buscar as possibilidades de fazer coisas diante da adversidade em vez de procurar as excelentes razões para se desculpar por não as haver feito. Não se contamina pelo pessimismo do outro. Em vez disso, ele cria uma ilha de otimismo em volta de si. Sabe mostrar aos alunos, a beleza e o poder das ideias.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O professor deixa marcas na vida do estudante. Ainda que anos se passem, a figura do professor permanece viva na memória de cada um, seja de forma positiva ou negativa. As diversas experiências vividas na infância colaboram para a formação do caráter, da personalidade e da autoestima. Alguns autores enfatizam que a má remuneração e as condições inadequadas de trabalho interferem na autoestima docente. Contudo, aqui, enfatizamos a postura do professor que escolheu a sua profissão, consciente da baixa remuneração e das demais dificuldades que enfrentaria.

Quando se trata de um professor cristão, a escolha da profissão não se refere a um mero emprego, mas a um chamado, a uma vocação. O educador cristão que busca a renovação da mente (Rm 12.2) não se conformará com este mundo, mas voltará seu olhar para a eternidade, valorizando cada educando como um presente de Deus, pois ensinamos para a eternidade. Entretanto, as lembranças do passado e as experiências vividas nos acompanham ao longo da vida, e é justamente nesse ponto que o professor precisa buscar a Deus e compreender o propósito divino para sua existência. Ser professor envolve renúncia.

Ferreira (2010) descreve características do Mestre Jesus que podem servir de modelo para o professor cristão que entende seu chamado e cuja autoestima está alicerçada na estima de Cristo. Jesus nos dá o exemplo de como alcançar o coração do estudante: Ele ouvia, dava atenção e transformava vidas cansadas, doentes e sobrecarregadas. É comum o professor ministrar aulas de pé, sem reservar tempo para sentar-se ao lado daquele aluno desordeiro do fundo da sala. Talvez, ao se assentar por um momento ao seu lado, fizesse este aluno sentir-se importante. Em Mateus 24:3-4 lemos: “E estando assentado no Monte das Oliveiras, chegaram-se a Ele os seus discípulos em particular, dizendo: Dize-nos, quando serão estas coisas, e que sinal haverá da tua vinda e do fim do mundo?”.

O ato de assentar-se favorece a aproximação e o contato visual. A partir deste texto Ferreira (2010), podemos extrair características do Mestre que nos inspiram a exercer com sabedoria nosso dom de ensinar:

Jesus meditava a sós — retirava-se para lugares desertos para orar e refletir.

Jesus atraía as pessoas — aqueles que desejavam aprender eram naturalmente atraídos a Ele. Assim também deve ser o professor em sala de aula, conduzindo seus alunos ao desejo de conhecer a Cristo através das disciplinas acadêmicas.

Acessibilidade do Mestre — os discípulos se aproximavam para esclarecer dúvidas. O professor deve estimular essa proximidade, mostrando-se acessível.

Atendimento personalizado — conforme João 5:1-10, Jesus enxergava e se dedicava às necessidades individuais, como ao paralítico do tanque de Betesda. O professor cristão deve pastorear seus estudantes, valorizando a individualidade (FERREIRA, 2010, p. 62).

Clavello (2013) discorre sobre identidade, citando Efésios 2:10: “somos feita d’Ele”. A palavra grega “poiema”, traduzida como “feitura”, sugere que fomos criados

por Deus como obras-primas, inspiradoras e únicas. Fomos feitos à imagem e semelhança de Deus — e isso deve alimentar nossa autoestima diária.

A identidade de um indivíduo refere-se a quem ele é, conforme originalmente concebido por Deus. Muitas vezes, no entanto, experiências e influências humanas desviam esse propósito. O professor cristão, consciente de sua vocação, prepara a próxima geração de líderes servidores, formando o caráter para cumprir o chamado divino.

Cristo ensina o valor da individualidade. Em Mateus 16:26, é dito: "Pois, que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se perder a sua alma?". Este versículo enfatiza que nada é mais valioso que a alma. Portanto, o professor cristão deve basear sua autoestima na estima de Cristo, compreendendo que, em Cristo, já somos novas criaturas e possuímos valor eterno.

Jehle (2008, p. 108) reforça que, enquanto a psicologia enfatiza a autoestima e a autovalorização, para o cristão a perspectiva é diferente: "A autoestima não ajudará um indivíduo a menos que ele troque pela estima de Cristo."

Black (2004) destaca que ser professor em uma escola cristã é um chamado ministerial que resulta de um relacionamento íntimo com Deus. Ser educador cristão é exercer um ministério cheio de paixão e propósito. O professor cristão é usado por Deus diariamente — aproximadamente 800 horas anuais — para expor seus alunos às verdades bíblicas, impactando vidas para a glória de Deus.

O professor restaurado emocionalmente e ungido pelo Espírito Santo trará vida às suas aulas, despertando amor pelo conhecimento e senso de propósito no educando. Um professor com autoestima saudável reflete o caráter de Cristo, influenciando o ambiente escolar positivamente.

Na Abordagem Educacional por Princípios, os quatro passos — pesquisar, relacionar, raciocinar e registrar — auxiliam na excelência acadêmica e no desenvolvimento do padrão tríplice da mente: reflexão, criatividade e aplicação. Um professor cristão, pleno da estima de Cristo, exercerá seu trabalho com excelência e propósito.

Segundo Black (2004, p. 81), as cinco características de um professor cristão são:

Conhece pessoalmente o Senhor;
Ama seus alunos;

É exemplo de caráter cristão;
Desenvolve visão bíblica do mundo;
Ensina para a transformação de vidas, e não apenas para a transmissão de informações (BLACK, 2004, p.81).

Black também discorre sobre o perfil de um professor cristão:

O professor como líder espiritual - o professor cristão não ensina apenas seus alunos, mas ensina também seus irmãos de fé, pois seus alunos fazem parte da família de Deus, ainda que não tenham seus pais convertidos, mas com certeza seus alunos já receberam Jesus em seus corações. A obra do Espírito Santo influencia tanto o professor quanto os alunos. O professor cristão vive a Palavra e assim tem autoridade para ministrar aos alunos. **O professor como modelo bíblico** - os professores são modelos vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. Ser um modelo é uma responsabilidade extremamente séria. Ao escrever para Timóteo, o apóstolo Paulo, que estava prestes a ser executado, desenvolve a ideia dos professores como modelos. Admoesta Timóteo a dar continuidade àquilo que lhe foi ensinado pois conhecia os seus professores (2 Timóteo 3:14). Timóteo foi ensinado por Paulo e também por sua mãe e sua avó e foi exortado a seguir o exemplo de seus mentores espirituais, ser um modelo bíblico é um chamado do professor cristão e uma opção. Os alunos devem ser exortados a seguir o caminho estabelecido pelos seus professores. Nas palavras de Paulo, "torna-te, pessoalmente, padrão das boas obras. No ensino, mostra integridade, reverência, linguagem sadia e irrepreensível" (Tito 2:7,8) **O professor como imitador de Cristo** - o modelo de Cristo como mestre oferece discernimento e orientação para o professor cristão e se aplica diretamente à sala de aula. Jesus se preocupava com a saúde, a alimentação dos seus ouvintes. Era paciente e gentil com aqueles que chegavam até ele com a vida destruída e os incentivava a agir de modo responsável. Os professores cristãos precisam entender cada vez melhor os seus alunos, bem como as questões que tem impacto sobre a vida deles, o que só ocorre com oração e discernimento. Os professores que são bons pastores, conhecem suas "ovelhas". **O professor como líder acadêmico** - o ministério espiritual dos professores cristãos exige deles um forte comprometimento acadêmico. É necessário buscar ativamente o crescimento da cognição e do aprendizado, mas com uma diferença: na escola cristã, o propósito dos esforços acadêmicos não é o benefício pessoal, mas sim, a expansão do Reino de Deus. O conhecimento tem valor quando o empregamos para fazer a vontade de Deus. **O professor como mentor** - o professor cristão tem a oportunidade singular de aconselhar e discipular seus alunos e, desse modo, permitir que cresçam de maneira muito mais profunda do que seria possível numa sala de aula típica. Uma parte da missão de Jesus aqui na terra foi servir de mentor aos seus discípulos e prepara-los para que continuassem o ministério depois que ele voltasse ao céu. Ser um mentor é um processo de pastoreio. Uma vez que os professores possuem um chamado e uma missão, é absolutamente essencial que sigam o exemplo de Cristo ao interagir com seus alunos. Se educamos as pessoas a nível intelectual, mas não tocamos a sua alma, deixamos

de cumprir nossa missão como educadores cristãos. (BLACK, 2004, p. 81, grifo nosso).

Observamos que toda a conduta do professor cristão se baseia no exemplo de Cristo através da Bíblia. Santos (2010) define o que ele chama de tipologia de professores segundo sua atividade didático-pedagógica, cuja intenção é alertar aos professores sobre a imagem que as pessoas podem ter, sem que os professores percebam. Vale verificar e sondar o coração diante de Deus e buscar renovação de mente para exercer de maneira correta seu chamado. Diante das tipologias, vale a pena também examinar qual a intenção do coração diante de cada perfil e alinhar-se à vontade de Deus. Segundo Santos:

Alienado - faz do magistério um passatempo agradável; não cria caso com ninguém, ou seja, não faz a diferença, não usa a justiça, a correção. Não quer se indispor.

Arrogante - se julga dono de todos os direitos; que assume atitude prepotente, soberbo, presunçoso.

Autoritário - passa a imagem repulsiva do dominador com ares de cinismo e de prepotência.

Bico - é aquele que atua simultaneamente em várias frentes à caça de rendimentos parcelados. Muitos têm até uma vida financeira estável, mas persistem em ocupar espaço para fugir da ociosidade.

Bonzinho - nunca contraria os alunos, mesmo que errados; não discute, não tem posições definidas e faz tudo para agradar os alunos.

Critiqueiro - apesar de comunicar-se com facilidade e muitas vezes ser simpático, acha que nada presta do que vem das autoridades superiores, acha que ninguém tem competência para governar.

Desanimado - não tem nenhum entusiasmo pelo que faz, isto porque descrê da própria identidade de educador.

Desorganizado - é aquele que não tem lugar pra nada; não prepara as aulas; esquece o material didático, e sempre pergunta aos alunos: onde foi que eu parei na última aula?

Dez Questões - é aquele cujas aulas constituem em passar apenas dez questões para seus alunos responderem durante a aula e aí o tempo passa...

Ditador - despótico, autoritário, que sempre detém a última palavra e não aceita qualquer tipo de discussão.

Educador - é aquele que estimula, orienta para a pesquisa, desperta a curiosidade, desenvolve o espírito crítico, valoriza o aluno preparando-o para sua efetiva integração na sociedade.

Erudito - deseja a todo momento exhibir sua sapiência, criando dificuldades de relacionamento em seu ambiente de trabalho.

Inseguro - não tem confiança em si mesmo, que titubeia e tem dificuldade de tomar decisões.

Lamuriante - é aquele que se lamenta sempre; rabugento e queixoso sem razão.

Leigo - é aquele aventureiro herói que foi recrutado a esmo, sem ter muita afinidade vocacional com os objetivos da educação.

Livresco - baseia e fundamenta suas aulas somente em livros e mais livros; nada cria, segue rigorosamente o conteúdo do livro adotado, e muitas vezes, suas aulas se constituem na leitura pura e simples dele.
Mal-humorado - vive sob o efeito dos maus humores; adoentado física ou psicologicamente, demonstra mau humor constante; é irritadiço, agressivo, ranzinza, aborrecido.

Ministrador de aulas - preocupa-se somente com a transmissão de conteúdos. O aluno e sua aprendizagem são questões secundárias; é apenas um informador, jamais educador. ”

Oba-Oba - é aquele que vive pensando em só em alegria e festas; não leva nada a sério.

Pesquisador - apesar do seu interesse em se manter atualizado, não fornece elementos básicos e orgânicos de sua disciplina.

Policial - é aquele que por convicção ou interesse, sempre toma partido a favor do sistema; é um defensor da ordem e não admite crítica às autoridades de dentro ou fora da escola.

Saudosista - é aquele que acha que se a escola algum dia foi o que deveria ser, isso aconteceu nos velhos tempos.

Sem-Mais - é aquele que se declara professor e nada mais. Sua meta primordial é transmitir apenas informações e encher a cabeça do aluno. Não se preocupa com o aluno com ser em formação.

Sonhador - é um exponente do magistério, tangido por um otimismo ingênuo, mas exuberante; vive na mais profunda ignorância dos problemas que atrapalham a eficiência da práxis pedagógica.

Subversivo - prega ou executa de forma sistemática, atos visando a transformação ou a derrubada da ordem estabelecida. Não acredita nem aceita normas legais, regimentais ou outras baixadas rotineiramente pela administração.

Surdo e Cego - nada escuta, nada vê; é absolutamente distante de tudo e de todos.

Terrorista - é o que espalha medo entre os alunos; aquele monstro antipedagógico que assusta a turma, seja ameaçando-os com notas baixas ou com provas vingativas, ou ainda ridicularizando as deficiências dos alunos.

Tiozinho - é mais ou menos parecido com o “Bonzinho”, só que em grau mais acentuado, com menos respeito de si mesmo e dos alunos.

Tô Fora - é aquele que não se interessa por nada; não tem compromisso com a educação, com a instituição ou com seus alunos; “caiu de paraquedas” e não sabe o que fazer. (SANTOS, 2010, p. 59 – 62)

Quando comparamos a visão cristã de educação e a visão humanista, podemos observar as distinções de cada uma delas. Na visão cristã, o papel de educar é prioritariamente da família. Na visão humanista, esta função é passada para a escola tendo como justificativa a carga excessiva de trabalho dos pais e responsáveis pelos alunos cabendo aos professores a função de ensinar valores morais, éticos, sociais e culturais.

Jehle (2008), apresenta um gráfico T que nos permite visualizar a diferença nas duas visões de educação: a visão cristã e a anticristã, evidenciando o papel da educação e atuação do professor em cada uma delas:

VISÃO CRISTÃ	VISÃO ANTICRISTÃ
Ensinaamos utilizando métodos que inspiram, de dentro para fora, de forma que o aluno aprende do interno para o externo.	Usamos métodos que motivam a criança de fora para dentro, por meio de recompensas, de forma que ela prende do externo para o interno.
Permitimos que o ambiente e o mundo físico externo confirmem a verdade absoluta que é invisível e interna.	Utilizamos materiais e experiências ambientais para ensinar o que é a verdade e autorizamos a criança a descobrir a verdade por si mesma.
Ensinaamos as crianças a exercer domínio sobre o ambiente, de forma que fiquem livres e independentes do material e mesmo dos professores.	Ensinaamos as crianças a se adaptarem ao ambiente por meio do uso de estímulos externos aos quais elas têm que responder de forma adequada.
Ensinaamos cada criança a ser produtiva, requerendo tanto quanto possível de seu esforço pessoal.	Ensinaamos cada criança a consumir o que está colocado diante dela, com mínimo esforço possível, de forma que o aprendizado seja percebido como divertido.
Ensinaamos crianças a transformar seus ambientes para que mudem a partir do interno, entendendo quando e como fazer isto.	Ensinaamos as crianças a se conformar com seus ambientes em todo o tempo, aprendendo a responder aos estímulos sem pensar.
Adotamos métodos porque são corretos.	Adotamos métodos porque funcionam.
Ensinaamos crianças a raciocinar para que prenam como utilizar habilidades de memória.	Ensinaamos crianças a memorizar fatos, para que possam raciocinar objetivamente conforme direcionadas.
Comprometemo-nos a nos mover com equilíbrio e variedade.	Movemo-nos em extremos e fazemos a mesma coisa o tempo todo.
Ensinaamos as crianças a internalizar material por meio de ponderação e reflexão, de forma que possam obedecer a Deus com inteligência.	Ensinaamos as crianças a manipularem o material, de forma que possamos aceitar o que é verdade com base na nossa experiência.

Fonte: Jehle (2008, p.98)

Este gráfico T permite ao educador cristão refletir sobre seu padrão mental. O professor cristão precisa buscar diante de Deus renovar a sua mente e não se conformar com este mundo. É necessário buscar ter a mente de Cristo para ter autoridade no ensino e na formação eficaz do seu aluno.

Na visão humanista, podemos citar o texto a seguir de Ferreira (2019, p. 5) “motivação e autoestima profissional: uma análise feita com professores da educação básica da rede pública de Garanhuns” que tira a Soberania de Deus no trabalho docente “o professor está cada vez mais lutando por sua profissionalização. Isso porque mesmo sendo uma fonte de alienação, o trabalho é de suma importância para o trabalhador, principalmente em uma sociedade capitalista. Segundo a visão psicanalista de Freud (1974) o trabalho é fundamental para o equilíbrio do homem, para a sua saúde física e mental e, a sua inserção no meio social. Por esse motivo, o

trabalho pressupõe uma liberdade, na qual o sujeito apresenta suas especificidades e características de personalidade. Porém, é possível que o trabalhador apresente estados de tristeza, insatisfação, desânimo, favorecendo condições de depressão, neurose, baixa autoestima entre outras que são ocasionadas pelo sofrimento no trabalho”.

O trabalho forma o caráter. Deus tem um propósito para cada um de nós e a escolha de uma profissão está relacionada com este propósito. O fim último do trabalho é glorificar a Deus, é tornar Seu nome reconhecido. Jesus veio para nos libertar de todo o peso do pecado e o trabalho não é um castigo atribuído ao homem. No jardim do Éden, Adão trabalhava com Deus. O professor cristão não deixa que as conversas vãs venham a definir sua postura no trabalho, mas ele vê seu trabalho como um chamado de Deus para levar o evangelho a cada criança que ele tem sob sua responsabilidade.

Se considerarmos que autoestima é a avaliação que o indivíduo faz de si mesmo, não podemos esquecer que esta avaliação deve ser feita a partir da visão que Cristo tem de nós. A avaliação deve servir para nos aperfeiçoar e nos tornar mais parecidos com Deus, pois somos feitos à sua imagem e semelhança. O salmista Davi nos ensina também esta lição no salmo 139, versículos 23,24: “Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração; põe-me à prova, e conhece os meus pensamentos, vê se há em mim algum caminho mau, e guia-me pelo caminho eterno”.

Um exemplo para o professor de excelência, que se avalia diariamente e que considera a estima que Cristo tem dele, é o próprio exemplo de ensino do mestre Jesus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral deste trabalho é levar os professores a uma reflexão sobre sua autoestima e como esta pode interferir no seu processo de ensino-aprendizagem, a formação do caráter do aluno e as consequências futuras no seu desenvolvimento. Espera-se também que fique evidente ao professor que uma baixa autoestima o levará a ter posturas inadequadas como professor deixando de refletir a imagem de Cristo para seus educandos. Após a leitura de vários autores, foi possível concluir a diferença que há na formação de um professor cristão, que percebe que seu trabalho é um

ministério onde ele vai evidenciar Deus para as crianças e de um professor secular que vê seu trabalho meramente como uma maneira de obter recursos financeiros, sem um chamado ou sem conhecer o propósito final da educação que é cumprir a grande comissão dada por Jesus: “E disse-lhes: Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura” (Mc 16:15).

Portanto, o professor não é só um mero transmissor de saberes e conhecimentos. É antes de tudo, um educador de princípios e valores que mostra Cristo aos educandos. Se o professor estiver com baixa autoestima, afetará não somente o desenvolvimento de seus alunos, mas também de todos os que estiverem ao seu redor. A autoestima é uma experiência íntima, um sentimento positivo construtivo, um conceito positivo que se elabora de si mesmo através das experiências vividas no dia a dia. Sendo assim, se o professor não buscar o criador para ter a revelação de quem ele é em Cristo, não entenderá a si mesmo, não se amará, não será capaz de compreender seus semelhantes, de solucionar problemas, de se realizar profissionalmente e muito menos de se auto avaliar, comprometendo assim sua autoestima. Percebe-se então que o educador com autoestima estará apto a desenvolver qualquer atividade que lhe for designada tanto dentro da sala de aula como fora dela.

REFERÊNCIAS

BASSO, M. A prática pedagógica: a formação da identidade docente. São Paulo: Cortez, 1998.

BLACK, Beulah. A filosofia de uma escola cristã. São Paulo: AECEP, 2004.

BORGES, Inez Augusto. Educação e Personalidade. 1ª edição. Editora Mackenzie. São Paulo, SP, 2002.

CLAVELLO, Rogério. Descobrindo a identidade em Cristo. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

FERREIRA, Sérgio Rodrigues. Educação cristã por princípios. Curitiba: Ed. Evangélica, 2010.

_____, Sérgio Rodrigues. Pedagogia da cadeira. 1ª edição. São Paulo, SP. Rádio Trans Mundial, 2010.

FERREIRA, Viviane Maria da Silva. Motivação e autoestima profissional: uma análise feita com professores da educação básica da rede pública de Garanhuns. 2019.

FONTES, Filipe - Você educa de acordo com o que adora. 1ª edição. Editora Fiel: São José dos Campos, SP, 2017.

HORTON, Michael S. O cristão e a cultura. 2ª edição. Editora Cultura Cristã: São Paulo, SP, 2022.

HORTON, Michael. A fé cristã: uma introdução ao cristianismo reformado. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

JEHLE, Paul. As sete colunas da sabedoria. 1ª edição. Tradução Célia Clavello. Belo Horizonte, MG. AECEP, 2008.

_____. Ensino e Aprendizagem: uma abordagem filosófica cristã. Tradução: Inez Augusto Borges – Belo Horizonte – MG. AECEP, 2015. 381 p.

JEHLE, Paul. Educação cristã: uma abordagem por princípios. São Paulo: AECEP, 2008.

SANTOS, Clóvis Roberto dos - Ética, moral e competência dos Profissionais da Educação - São Paulo, SP, Avercamp, 2010.

SOUSA, Ivanildo Alcântara De et al. A autoestima do docente na educação e seu desempenho profissional. Anais IV CONEDU... Campina Grande: Realize Editora, 2017. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/35027>>. Acesso em: 01/06/2024.

VOLI, Franco - A autoestima do professor. 2ª edição. Edições Loyola, 2002.

WEBSTER, N. Webster dictionary 1828. Disponível em: <http://webstersdictionary1828.com/>. Acesso em: 31. Maio. 2024.